

Artigo

A função maternante das berçaristas e suas contribuições à constituição psíquica infantil

Andreza Sobreira Fonseca Aretakis; Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros; Deborah Foinquinos Krause

Resumo. As berçaristas da creche funcionam como rede de apoio parental. Seu cuidado diferencia-se do materno, pois envolve suas atribuições profissionais. Desse modo, elas exercem uma “função maternante”. Este artigo de cunho qualitativo teve como objetivo analisar as práticas das berçaristas em uma creche pública e apontar suas contribuições para constituição psíquica dos bebês. Foram entrevistadas quatro berçaristas. A identificação dos dados se baseou na análise de conteúdo com o referencial da psicanálise. Foi observado que as práticas ancoradas no discurso subjetivante e na função maternante das berçaristas se mostraram promissoras para a constituição psíquica dos bebês na creche.

Palavras-chave: creche; desenvolvimento; psicanálise.

El papel maternal de las trabajadoras de la guardería y sus contribuciones a la constitución psíquica del niño

Resumen. Las guarderías de la guardería funcionan como una red de apoyo a los padres. Su cuidado se diferencia del cuidado materno, ya que involucra sus deberes profesionales, por lo que ejercen una “función materna”. Este artículo cualitativo tuvo como objetivo analizar las prácticas de las guarderías en una guardería pública y señalar sus contribuciones a la constitución psíquica de los bebés. Se entrevistó a cuatro trabajadores de guardería. El análisis de los datos se basó en el análisis de contenido con el marco del psicoanálisis. Se observó que las prácticas ancladas en un discurso subjetivante y en la función maternal de las guarderías eran prometedoras para la constitución psíquica de los bebés en las guarderías.

* Psicóloga, Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, PE, Brasil. E-mail: andrezaaretakis@gmail.com

** Psicóloga. Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, Coordenadora de período da Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE, Brasil. E-mail: claramabarros@gmail.com

*** Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília (UnB), Auxiliar de coordenação do Curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE, Brasil. E-mail: dfoinquinos@gmail.com

Palabras clave: guardería; desarrollo; psicoanálisis.

The maternal function of the nurseries and their contributions to the children's psychic constitution

Abstract. The nurseries at the daycare center function as a parental support network. Their care differs from maternal care, as it involves their professional duties, thus they exercise a “mothering function”. This qualitative article aimed to analyze the practices of nurseries in a public daycare center and point out their contributions to the psychic constitution of babies. Four nursery workers were interviewed. Data analysis was based on content analysis with the psychoanalysis framework. It was observed that practices anchored in a subjectifying discourse and in the mothering function of nurseries showed promise for the psychic constitution of babies in daycare.

Keywords: nursery; development; psychoanalysis.

Le rôle maternel des puéricultrices et leurs contributions à la constitution psychique de l'enfant

Résumé. Les crèches de la garderie fonctionnent comme un réseau de soutien parental. Leurs soins diffèrent des soins maternels, car ils impliquent leurs devoirs professionnels, ils exercent donc une « fonction maternelle ». Cet article qualitatif visait à analyser les pratiques des crèches dans une crèche publique et à mettre en avant leurs apports à la constitution psychique des bébés. Quatre puéricultrices ont été interrogées. L'analyse des données était basée sur l'analyse de contenu avec le cadre de la psychanalyse. Il a été observé que des pratiques ancrées dans un discours subjectif et dans la fonction maternelle des crèches se révélaient prometteuses pour la constitution psychique des bébés en crèche.

Mots-clés: garderie; développement; psychanalyse.

A realidade contemporânea tem se apresentado para as mães como desafiadora, em especial no que diz respeito aos cuidados com os filhos após a licença-maternidade. Segundo Lanzetta e Bittencourt (2016), em muitas ocasiões, estão sem uma rede de apoio e necessitam integrar o mercado de trabalho, o que independe das motivações para realização pessoal, financeira ou outras.

É no referido cenário que a creche acaba se presentificando como uma opção. Diante disso, acompanhando essa nova necessidade social, os resultados dos censos apresentados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira de 2012 a 2019 sobre a educação apontam um aumento de 32,13% na quantidade de matrículas de crianças em creches no Brasil (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], 2019).

Tendo em vista a realidade que vem se apresentando e a expectativa de que haja um aumento na inserção precoce de bebês em espaços coletivos de cuidados, nomeadamente creches. Este estudo tece considerações sobre o cuidar e o papel do cuidador nesses ambientes, como também esclarece acerca da ampliação da função da berçarista como complementar/auxiliar da maternagem e favorecedora da subjetivação dos bebês. Ademais, traz reflexões sobre a constituição do psiquismo infantil dentro desses espaços de educação norteados pelo viés psicanalítico.

Mesmo que existam estudos sobre creches, tais como os de Bernardino e Kamers (2003), Crespin (2016), Mariotto (2009), Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014), Flach e Sordi (2007) e

Bridon (2020), muitos abordam apenas a história da creche, o desenvolvimento dos bebês nesses espaços coletivos e como a relação da berçarista com o bebê se faz importante para sua constituição psíquica. Entretanto, parece não existir uma delimitação/orientação explícita sobre quem são ou sobre quem devem ser as pessoas que cuidam de bebês na creche e como devem atuar.

A metodologia IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil), conforme Mariotto (2009), tem apontado critérios norteadores para o acompanhamento dos bebês na creche, mas ainda não é tão disseminada e utilizada. O IRDI possui quatro eixos: suposição de sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença/ausência e função paterna.

Para Oliveira, Donelli e Charczuk (2020), a suposição de sujeito diz respeito ao desejo materno ou de seu representante de que existe no bebê um alguém/sujeito, antes mesmo dele se presentificar na realidade objetiva. Ao antecipar a presença de um sujeito no bebê/organismo, esse Outro pode oportunizar o advir do humano no bebê.

É necessário compreender o que significa esse Outro, com “O” maiúsculo. Quinet (2012) menciona que esse termo é utilizado pela psicanálise lacaniana e diz respeito a um lugar subjetivo, ocupado pelas pessoas que criam expectativas sobre o bebê, mesmo antes dele nascer, por aquelas que cuidam dele e lhes são caras. São essas pessoas que emprestam o significado das coisas, nomeiam o mundo e o “eu” do bebê para ele, inscrevendo-o em uma linhagem familiar, cultural e histórica.

O estabelecimento da demanda estaria na possibilidade de dar sentido às pequenas ações do bebê, trazendo a representatividade da vida cotidiana, nos pequenos movimentos involuntários, como uma forma de comunicação direcionada à mãe/Outro. A partir de suas interpretações aos gestos ainda que reflexos do bebê, esse Outro começa a tecer e oferecer uma série de significantes e significados ligados ao insipiente repertório do bebê.

Já a alternância presença/ausência estaria relacionada às pequenas ausências e ao estabelecimento das rotinas diárias com suas respectivas pausas, que levariam ao descompasso nas gratificações imediatas, ao intervalo mesmo que pequeno dessa mãe, mas que provoca no bebê a sua condição de estar só e, com isso, aciona em seu imaginário a fantasia/alucinação da mãe ideal. A alternância entre falhas e cuidados é o que permite ao bebê registrar a confiabilidade, já que, se não ocorressem pequenos descompassos, se existisse uma perfeição mecânica, o bebê não teria como perceber os cuidados, nem lhe ocorreria uma "sensação de segurança e um sentimento de ter sido amado" (Leparraga, 2012, p. 31).

O último eixo trazido pelo IRDI é a função paterna, como sublinham Oliveira *et al.* (2020), sendo caracterizada como o interdito entre o desejo da mãe e o desejo do bebê, evidenciando o corte mediado pela cultura que incide sobre o par mãe-bebê. Dito de outro modo, cabe à função paterna dizer o não que impulsiona o desenvolvimento do bebê para fora dos domínios exclusivos da díade mãe-bebê, impulsionando-o para percepção de ser alguém separado do Outro cuidador.

Olhar as creches em uma perspectiva guiada pelo IRDI é pensar que o bebê está sendo constituído, não só pela família, mas também pelas profissionais do berçário. Para delimitar quem são essas profissionais, neste artigo utilizaremos o termo berçarista como sinônimo daquela que tem a função de atuar em berçários dispensando cuidados integrais aos bebês (zero a 18 meses), de forma a proporcionar o desenvolvimento de suas potencialidades e buscando zelar pelo seu bem-estar biopsicossocial.

Muitas reflexões aconteceram desde o surgimento das creches, concomitantes com as leis de proteção da infância. Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) veio ressaltar que os cuidados dispensados às crianças são indissociáveis da educação. A Base apontou sobre a importância do cuidado e dos vínculos criados entre a criança e a professora. No entanto, de acordo com Bridon (2020), os cuidados mencionados por esse documento visam ao desenvolvimento cognitivo. Parece, para a autora, não existir uma valorização do afeto como elemento essencial da prática de cuidar dos bebês, nem menção sobre como as relações iniciais com esses agentes de cuidado trazem consequências para a constituição do psiquismo infantil.

A palavra “cuidado”, tal como é enfatizado por Flash e Sordi (2007), está relacionada à cura (em latim *cura, curare*) e tem sido usada em diversos contextos para expressar preocupação, atenção, proteção e compromisso. França e Rocha (2015) se debruçaram sobre o valor do cuidado e sublinharam que esse é um elemento imprescindível para a constituição psíquica do bebê. Figueiredo (2007) assinala que “não existimos, não nos sentimos existir, não conquistamos um senso de realidade se alguma continuidade não estiver sendo oferecida e experimentada” (p. 17).

França e Rocha (2015) esclarecem que a presença implicada e afetiva de um cuidador se faz fundamental para que o potencial inato que o bebê carrega ao nascer possa se desenvolver. Os autores trazem ainda que a função de cuidar não é exclusiva da mãe biológica, mas que pode se presentificar nas figuras do pai, de membros da família e, mesmo, da creche.

Figueiredo (2007) concorda que o agente de cuidado não se limita à figura materna. Compreende que a implicação dessas pessoas responsáveis pelo cuidado do bebê deve se presentificar nos vínculos construídos, pois o cuidar deverá envolver necessariamente o fazer, o compromisso e a atuação. O autor identifica dois elementos que são indissociados do cuidado e estariam alicerçados nas funções de acolher, hospedar, agasalhar e alimentar. Seria o conceito de *holding* (sustentação), que garante ao bebê a continuidade do ser, e a função de *containing* (contidência), que proporcionará ao mesmo as experiências de transformação.

Gabeira e Abu-Jamra (2013) compreendem, a partir da ótica psicanalítica, que se os bebês estão sendo expostos precocemente a ambientes coletivos, recebendo cuidados e educados por pessoas que não lhes são familiares, a responsabilidade de quem está na linha de frente é grande. É comum atribuir essa responsabilidade às berçaristas, pois são elas que cuidam dos bebês na creche.

Sabe-se que a função materna é essencial para a constituição psíquica do bebê e para os amplos desdobramentos que sucederão com o crescimento e desenvolvimento dele. A respeito de tal função, Winnicott (1982) descreveu como um estado de grande identificação com o bebê, que ele denominou como “doença normal”. Nessa condição, a mãe entraria no estado de “preocupação materna primária”, que a levaria a sentir o que o bebê sente, compreender suas necessidades e desejos, o que possibilitaria a oferta da continuidade de ser e, conseqüentemente, a constituição de seu psiquismo. Todavia, algumas mães, por diferentes motivos, necessitam da creche para cuidar de seu bebê; assim, essa continuidade acaba ficando sob o encargo de outras pessoas.

Trataremos, a partir daqui, acerca de como a instituição creche vem auxiliando as mães nessa tarefa de cuidar e subjetivar os bebês. Faz-se importante esclarecer, conforme Flach e Sordi (2007), que quando o bebê chega à creche, seu circuito pulsional já foi iniciado junto ao seu Outro primordial, ou seja, o processo de subjetivação, a inscrição dentro de uma filiação e as primeiras marcas já estão sendo construídas, enfim, o processo de alienação e de separação já está em andamento. A creche, nessa perspectiva, ao mesmo tempo que se apresenta como mais

um elemento que promove separação mãe-bebê, é aquela que faz a manutenção do laço e oferta um cuidado que visa à sustentação.

Essa continuidade é de fundamental relevância, pois, embora exista a separação mãe-bebê, o laço precisa ser mantido e isso só pode acontecer mediante um cuidado que vise à sustentação do lugar do Outro e não à substituição desse Outro (Kupfer *et al.*, 2014). Flach e Sordi (2007) elucidam que o papel da creche estaria, então, além do âmbito pedagógico: inscrever o sujeito no social, na ordem, na Lei. Mesmo que não inaugure o processo de subjetivação do bebê, a creche, por meio das berçaristas e junto ao Outro primordial, participará da construção da constituição psíquica do sujeito-bebê.

Sordi e Flach (2007) afirmam existir diferença entre o cuidado prestado pelo Outro primordial e pelo Outro cuidador em uma instituição, no caso, a creche. O primeiro retrata um cuidado que insere o bebê no laço de filiação, visto que os aspectos transgeracionais o localizam dentro de contexto histórico familiar. Já o Outro cuidador insere o sujeito na cultura, em uma ordem social e, assim, apresenta-se como elemento da função paterna, ordenando a criança em certo ritmo, conforme as regras institucionais e sociais. Sordi e Flach (2007) compreendem que ambos os cuidados são importantes e participam da constituição do bebê, produzindo marcas de diferentes ordens.

Kupfer *et al.* (2014) compreendem que, mesmo que a berçarista tenha afetividade, disponibilidade e olhar para a criança, mesmo com aquela com a qual tenha maior identificação, a sua motivação estará sempre referendada à sua própria profissão. “Assim, a função é materna, mas não seu desejo: não há substituição, nem sobreposição da mãe ou quem a encarna para o bebê seu Outro primordial. Por essa razão, propõe-se que a função materna exercida pelo professor na creche seja nomeada como ‘função maternante’” (Kupfer *et al.*, 2014, p. 20).

Mariotto (2009) destaca que as práticas de cuidado oferecidas pelas profissionais que atuam na creche sofreram influências da história no surgimento dessas instituições, que passaram por um caráter de atendimento filantrópico, depois para atendimento focado na preocupação higiênico-sanitária, seguindo para um objetivo mais assistencialista e somente, recentemente, emergiu para uma dimensão educacional e psicológica.

Levando em conta a evolução das formas de pensar sobre os cuidados e sobre o desenvolvimento integral de crianças em creches, Kupfer, Cavagionni e Anconi (2012), baseados na teoria dos quatro discursos de Lacan explicitada no Seminário 17, elaboraram uma pesquisa em que trouxeram a predominância de três tipos de discursos em circulação no campo da educação infantil, que seriam os discursos: Medicalizante, Psicopedagógico e o Subjetivante.

Para Mariotto (2009), o discurso medicalizante traz fortemente um posicionamento ligado ao biológico, voltado para as questões maturacionais e da saúde mental. Dessa maneira, existem parâmetros de normalidade e, caso o sujeito esteja fora deles, será percebido dentro de um viés patológico. Já o discurso psicopedagógico trará uma visão mais educativa, há uma exaltação do conhecimento. Diante da apreensão das técnicas de aprendizagem, o professor conseguirá educar, mas, nesta perspectiva, o saber toma o lugar supremo e o desejo é colocado à parte.

O discurso subjetivante é aquele que reconhece a criança como sujeito, localizando-a dentro de um olhar individualizado, de uma escuta diferenciada e de uma espera para um tempo que é só dela. Percebe-a como um ser desejante e comunicativo, que expressa e compreende aspectos de sua realidade. Nessa perspectiva, atribui-se a ela uma condição de ser e também de poder desejar e escolher, como um ser ativo na relação. As práticas de cuidados estariam orientadas na medida do possível de forma singular, respeitando os desejos e o tempo de cada criança.

É preciso esclarecer que trabalhar propondo um discurso subjetivante não significa desconsiderar os referenciais pedagógicos e médicos, mas, sobretudo, implica pressupor a existência de um sujeito único e, diante disso, pensar em práticas de aprendizagem que serão experienciadas de modos diferentes para cada um. É deixar de compartimentar o sujeito em critérios diagnósticos e, sobretudo, escutar e olhar os sintomas a partir de uma ótica mais complexa que envolve o sujeito, a família, o ambiente, enfim, que envolve condições multifatoriais (Mariotto, 2009).

Partindo dos referenciais teóricos elucidados, seguimos para a apresentação de parte dos resultados da pesquisa que buscou compreender o modo de maternar operado pelas berçaristas e sua relação com a subjetivação dos bebês na creche.

Método

Participantes

O público do estudo foi composto por quatro berçaristas que trabalhavam com bebês na faixa etária de quatro a dezoito meses numa creche comunitária da cidade do Recife, de natureza jurídica privada, porém sem custos à população atendida. Essa creche recebia doações de igrejas e do próprio *shopping* local para manter suas atividades. Atendia 80 famílias de baixa renda da própria comunidade com filhos na idade de 4 meses a 5 anos no turno integral.

Instrumentos

Na investigação, foi utilizado um questionário sociodemográfico para caracterizar a população em estudo. Utilizou-se, também, o questionário sobre as posições discursivas dos educadores de creche, desenvolvido por Kupfer *et al.* (2012). Esse questionário versa sobre as posições discursivas dos educadores da creche, e é composto por oito questões com cinco alternativas, devendo ser escolhida apenas uma, podendo ou não a berçarista justificar a sua resposta. Cada alternativa estava localizada em um tipo de discurso específico (Medicalizante, Pedagogizante e Subjetivante). Por fim, foi realizada uma entrevista semiestruturada que versava sobre as práticas desempenhadas pelas berçaristas na creche.

Procedimentos

A pesquisa foi iniciada após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética da Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS (sob o CAAE 18635219.9.0000.5569). Aconteceu na creche em que as berçaristas trabalhavam. A entrevista foi realizada garantindo o sigilo e a privacidade conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Riscos mínimos foram envolvidos às participantes, tais como, cansaço no preenchimento dos questionários, constrangimento e sensação de perda de tempo. Caso existisse algum prejuízo, seriam escutadas e, se necessário, encaminhadas para o serviço de psicologia do Sistema Único de Saúde (SUS).

Inicialmente, as participantes leram e assinaram o TCLE aceitando participar da pesquisa, depois responderam ao questionário sociodemográfico e ao questionário sobre as posições discursivas dos educadores de creche. Por fim, foram submetidas a uma entrevista semiestruturada.

Análise dos dados

Trata-se de um estudo qualitativo e as interpretações dos dados coletados foram conduzidas utilizando técnicas diferenciadas. Para análise das respostas do questionário, utilizou-se a frequência das respostas. Nas palavras de Dancey e Reidy (2006), apenas para classificar os discursos que foram tratados de forma qualitativa posteriormente. Por meio desses dados, foi possível verificar qual discurso era mais prevalente na creche pesquisada e relacionar o que foi coletado com a função maternante e com a constituição psíquica de bebês.

A análise qualitativa, realizada a partir das entrevistas, procurou formar categorias elaboradas por meio das narrativas das berçaristas e da interpretação das pesquisadoras, com base no material empírico. Inicialmente, as entrevistas foram transcritas na íntegra, submetidas a uma leitura flutuante, conforme disposto na modalidade temática de Minayo (2008). Por intermédio dos sentidos atribuídos às falas e das semelhanças trazidas pelos elementos contidos nas narrativas, foram construídas categorias empíricas, temáticas, interpretadas com olhar ancorado na psicanálise. O fechamento amostral ocorreu por saturação, tal como frisado por Minayo (2017).

Resultados e discussão

O artigo proposto traz parte dos resultados coletados na pesquisa de mestrado em psicologia da saúde, que teve como objetivo analisar a função maternante das berçaristas e suas contribuições para constituição psíquica de bebês na creche.

Os nomes retratados neste artigo dizem respeito às crianças que marcaram a vida profissional das berçaristas. Mesmo que todas sejam do sexo feminino, apenas uma delas se identificou e se automeceu como Moisés.

Tabela 1 - Dados relativos ao perfil das berçaristas entrevistadas.

Berçarista	Tempo de trabalho	Formação Profissional	Idade	Função na creche
Fernanda	9 meses	Cursando Pedagogia	21 anos	Estagiária
Moisés	22 anos	Superior em Pedagogia	43 anos	Educadora
Laura	8 anos	Superior em Pedagogia	34 anos	Educadora
Ana Cecília	23 anos	Ensino Médio	59 anos	Auxiliar de sala

Conforme a Tabela 1, Moisés já era pedagoga antes de trabalhar na creche. As berçaristas entraram na área da educação por necessidade financeira. Verificou-se que o tempo e as experiências que tiveram na creche motivaram Laura e Fernanda a estudar pedagogia. Apenas Ana Cecília permaneceu com o Ensino Médio.

O estudo analisou as práticas desenvolvidas por berçaristas na creche e sua relação com a função maternante. Com a análise do questionário, identificamos o tipo de discurso operante e como a função maternante atuava diante das normatizações e regras impostas para o trabalho nesse espaço.

As práticas retratadas em suas narrativas dizem respeito ao acolhimento durante o processo de adaptação da família e do bebê, aos cuidados com a alimentação e higiene, o brincar e interagir, a aquisição da autonomia e da independência e a aprendizagem formal.

Na Tabela 2, observa-se uma frequência maior de respostas compatíveis com o discurso subjetivante, seguida pelo discurso pedagogizante.

Tabela 2 - Frequência de respostas no questionário sobre as posições discursivas dos educadores na creche.

Berçarista	Discurso Medicalizante	Discurso Pedagogizante	Discurso Subjetivante	Prevalência do tipo de discurso
Fernanda	1	3	4	Subjetivante
Moisés	1	4	3	Pedagogizante
Laura	0	4	4	Pedagogizante e Subjetivante
Ana Cecília	0	2	6	Subjetivante

As narrativas analisadas advindas das entrevistas construíram as seguintes categorias: Funcionamento da creche e relação berçarista-creche. Na primeira categoria, observou-se o vínculo família-creche, a rivalidade velada entre as berçaristas e as mães, e ainda, o cuidado mediado por um discurso inicialmente pedagógico, mas que na prática parecia operar como discurso subjetivante.

Foi possível perceber nas narrativas o estabelecimento de uma relação vertical na qual os saberes adquiridos no ambiente acadêmico e/ou no tempo de experiência de trabalho na própria creche eram mais valorizados pelas berçaristas que os saberes trazidos pela família. Elas pareciam se sustentar, ao menos no primeiro instante, na necessidade de embasamentos teóricos e técnicos, além de buscar endossar/comprovar suas práticas e conquistar a confiança dos pais, por meio de registros fotográficos e escritos do desenvolvimento da criança no seu berçário, expressos em um relatório chamado por elas de álbum do bebê.

[...] a gente precisa ter embasamento pra receber essas famílias, pra que se sintam seguras
 [...] Primeiro conhecer o espaço, conhecer o nosso trabalho [...] a gente trabalha baseada no álbum do bebê que tem o desenvolvimento [...] a gente faz um registro de tudo [...] (Laura)

Foi possível perceber também uma rivalidade velada, na qual mães e berçaristas parecem “duelar” pelos “melhores” cuidados para o bebê. O *ring* da disputa fica dividido entre o espaço da creche e a casa da família, tendo como motivador principal a alimentação do bebê.

O fato da mãe dar continuidade aos protocolos e orientações da creche foi percebido pelas berçaristas como uma “parceria” eficaz e favorecedora do desenvolvimento do bebê. Todavia, as dificuldades encontradas pelas mães para que conseguissem fazer adesão às “regras” são vistas como empecilho ao progresso da criança na creche.

[...] aí as mães não desmamam [...] aí fica difícil, quando a gente pega pais que são parceiros, é rapidinho [...] mas como a gente só faz aqui, em casa elas não fazem [...] Elas não ajudam. [...] tem que ter essa parceria [...] (Laura)

A rivalidade pode ser compreendida à luz do narcisismo. Na perspectiva da psicanálise, Freud (1914) compreende que esses pais se inclinam sobre o bebê cuidando e protegendo, assim como criando expectativas e desejando um “futuro” para os seus filhos. Como uma reedição de sua própria história, trata-se de uma oportunidade de fazer diferente e de realizar o que não pôde.

Diante de todo investimento narcísico, os pais experimentam essa confusão de sentimentos que provocam inseguranças, resistências e desconfianças quanto às orientações e cuidados disponíveis na creche, expressões tão bem pontuadas por Moisés: “[...] Eles chegam aqui com essa insegurança, mas a gente no dia a dia for passando isso para elas, acho que mais rápido os meninos se adaptam [...]”.

Para Maranhão e Sartir (2008), muitas vezes os pais não encontram espaços para dialogar com a equipe e falar também de suas experiências e sucessos com o filho. Precipita-se sobre eles a imposição de um modelo pronto sob a égide de que tudo dará certo conforme as orientações das especialistas em bebê.

Para Flasch e Sordi (2007), faz-se importante delimitar o cuidado oferecido pelos pais (Outro primordial) que o inscrevem em laços de filiação e aquele destinado ao cuidador que o inscreve dentro de um laço social (Outro cuidador). Esse laço social possui ligação com a função paterna, pois, ao localizar o bebê dentro de um contexto cultural, oferece a ele um corte em sua onipotência. As regras e as diversas rotinas da creche inserem esse bebê em um determinado ritmo que o organiza dentro dos padrões sociais e culturais onde esteja inserido.

Lajonquière (2000) especifica que esse Outro primordial invoca a lei buscando ordenar o mundo da criança. Já o Outro cuidador, ao invocar as regras da creche, impõe uma padronização de comportamentos que devem ser aceitos e respeitados por todos. “(...) Isto é, a lei diz não faça isso, porém faça outra coisa enquanto a regra formula o imperativo de fazer como todos ou, caso contrário, não fazer nada” (Lajonquière, 2000, p. 76).

A padronização pode ser visualizada quando Laura considera que a amamentação deve ser suspensa quando o bebê entra na creche: “[...] Porque teve mãe que na primeira reunião, disse assim ‘é porque eu não quero desmamar ne’, quer a vaga na creche, mas não quer desmamar, aí como é que fica? [...]”. Parece que essa berçarista desconsidera que a alimentação comporta não apenas aspectos biológicos, mas também emocionais, sendo esse um elemento chave para constituição do sujeito (Winnicott, 2006).

Oliveira e Rossetti Ferreira (1993) proferem que o contato inicial da tríade creche-pais-bebê envolve a conciliação de dois espaços e contextos (casa/creche) diferentes. Dessa maneira, é comum emergirem conflitos, pois muitas adaptações e reorganizações precisam ser realizadas em ambos os espaços, embora não existam garantias de que se essas mudanças se efetivarem os conflitos não se presentifiquem. Vale ressaltar o carácter dinâmico de ações, olhares e cuidado a que o trabalho com bebês pressupõe.

Anconi (2020) compreende que a presença de conflitos entre pais e educadores acontece principalmente porque o saber dos pais é muitas vezes desconsiderado pelas berçaristas. É comum mães relatarem esse descaso com o seu “jeito de cuidar”, preponderando o saber especializado da creche.

Fernanda traz explícitos na sua fala os conflitos vivenciados entre a creche e os pais para o estabelecimento de uma rotina na creche, que dependerá muitas vezes da rotina de casa: “[...] a

gente tenta dar comida aqui, a mesma coisa de dormir, se a gente faz uma rotina com eles aqui, tenta fazer, e os pais em casa não ajudam também fazendo a mesma coisa, fica difícil [...]”.

Fernanda pontuou para o discurso medicalizante na questão referente à alimentação, porém pode ser compreendida, pois o horário de chegada dela no berçário era no momento da alimentação das crianças (lanche), sua função era alimentá-las, há uma importância para sua função.

Julgar aos pais, tal como frisado por Mariotto (2009), atribuindo responsabilidades por qualquer sintoma apresentado pela criança apenas congela a possibilidade de uma resolução. Na fala de Moisés, podemos ver sensibilidade por compreender e dar colo também para a família, “[...] a educadora entender que ela tem que passar segurança, não é apenas julgar a família, [...]”.

Crespin (2016) acredita que existem dois pensamentos recorrentes e errôneos a respeito das berçaristas. O primeiro seria acreditar que só o fato de amar estar com crianças seria suficiente para cuidar bem delas, e o segundo seria o de pensar que elas substituem os pais, pois os consideram inaptos para essa função.

Diante desses pensamentos, Mariotto (2009) alerta que a função do educador é de um terceiro e não de substituto materno. É preciso que isso esteja claro para ambas as partes, pois só assim a relação poderá fluir como complementar na formação integral do bebê. Caberá às berçaristas compreender que existem diversos estilos de cuidar e que cada um deles carrega uma rede cultural e transgeracional de significantes e significados únicos.

Diante disso, Mariotto (2009) alerta que ao destituir os saberes familiares, a creche induz uma ruptura e não uma aliança. Assim, ao perceber a fragilidade parental, sua função é buscar fortalecer esses papéis para poder auxiliar o bebê.

Figueredo (2007) menciona que se pode levar em conta que as berçaristas, no início, deveriam colocar-se numa presença implicada com o pais, escutando e acolhendo suas demandas. Porém, assim como para o bebê, elas devem manter-se mais numa presença reservada apostando também nesses pais. A reserva precisa ser maior para que a família se presentifique, enquanto pai e mãe para o bebê.

Ortiz e Carvalho (2012) defendem que a conquista da confiança da família se faz fundamental. Afinal, a mãe precisa “autorizar” o bebê a ficar nesse novo ambiente e a se relacionar com os novos e vários outros (berçaristas, bebês e demais funcionários da creche). Assim, parece ser urgente o debruçar-se da creche primeiro sobre a família, pois ao conquistar sua confiança, a parceria se estabelecerá mais rapidamente.

Observa-se que na creche pesquisada há o predomínio da busca por essa confiança e segurança da família. “[...] Importante a gente como educadora, a gente passar segurança [...] a gente é uma equipe preparada, todas recebem a mesma formação [...]” (Moisés). Antes da chegada do bebê, existem etapas, tais como: apresentação dos espaços da creche, da proposta pedagógica, das regras e também da equipe para, só assim, ocorrer o primeiro contato com a criança e iniciar a adaptação dela na creche.

Laura traz esse passo a passo quando diz: “[...] A gente faz reunião com elas antes da gente começar. Elas conhecem o espaço, a rotina, as meninas da coordenação dão toda a história, da creche tudo. Elas têm todo um caminho até a gente chegar pra receber [...]” (Laura).

Mesmo que o olhar individualizado direcionado a cada família e as necessidades das crianças se façam presentes, existem rotinas e procedimentos que precisam ser comuns para uma melhor organização e planejamento, sem esquecer que a creche não é apenas um espaço de cuidado, mas também de desenvolvimento pedagógico e isso precisa estar claro para as famílias. Talvez

por isso o discurso pedagogizante tenha se presentificado nos discursos de todas as entrevistadas.

[...] É uma rotina [...] a gente faz atividade [...] A expectativa é o desenvolvimento né? Eu foco no desenvolvimento [...] nesse período, já estão andando, já falam umas palavras, a gente consegue ver que eles compreendem, que nosso trabalho foi desenvolvido com sucesso né, o desenvolvimento, a gente conseguiu [...] (Laura).

Observou-se nos relatos das entrevistadas que o discurso pedagogizante se presentificou mais frequentemente nas falas trazidas por Laura e Moisés. Ambas trazem em seus relatos a presença marcante de uma preocupação com o pedagógico, com as aquisições possíveis de acontecer no berçário, em especial, com a autonomia e independência. “[...] que a gente apenas não só cuida aqui, a gente tem atividade pedagógica [...] já tão comendo sozinhos [...] aqui a gente não tem dificuldade, porque como eles seguem uma rotina [...]” (Moisés).

No questionário sobre as posições discursivas, Laura apresentou uma equivalência quanto aos discursos pedagogizante e o subjetivante. Moisés evidenciou o discurso pedagogizante, o que pode salientar a formação delas, ambas têm Nível Auperior.

Fernanda, a estagiária de pedagogia, embora tenha trazido aspectos pedagógicos, evocou o cuidado como elemento de suas práticas mesmo que, secundariamente, talvez tenha sido a essência que a deixou pontuar para um discurso subjetivante: “[...] tirando as atividades, a gente cuida [...] a gente fica nessa ansiedade de ver ela falar, ver ela andar. Quando vejo a criança chegando assim, minha vontade é de ver ela cada vez mais crescendo [...]”.

Para Moisés, a rotina organiza o ambiente e promove a estabilidade necessária para promoção de segurança e confiança no bebê. Ademais, auxilia na organização emocional e profissional das berçaristas: “[...] A rotina organiza eles, [...] Organiza a educadora também [...] Com a educadora também fica tudo mais tranquilo [...]”. Podemos inferir, a partir disso, que a pontuação de Moisés referente ao discurso medicalizante remete à rotina. Há uma valorização em seu discurso por esse tema. Vale salientar que a berçarista tem mais especialização técnica. Consta em sua formação o magistério e a pedagogia, fazendo-nos remeter essa pontuação a sua “maior” formação e compreensão da dimensão do cuidado, comportando em sua prática elementos do discurso medicalizante, pedagogizante e, ainda, o subjetivante.

A organização da rotina é essencial, porém, deve-se ter cuidado para que cada etapa seja contextualizada e repleta de significados para todos. A obediência ao relógio puramente levará a profissional a um distanciamento das reais necessidades da criança.

Assim, para Ortiz e Carvalho (2012), o foco deverá ser na criança sem antecipações e obrigatoriedades para aquisições precipitadas. O singular deve se sobrepor. Chama atenção o discurso de Laura: “[...] Hoje em dia, eles já entram tudo andando. Eles já vêm, parecem umas formiguinhas [...]”. Pode levar a crer que, como as formigas, todas as crianças têm uma função imutável, seguem o mesmo ritmo e a mesma rotina, sem a pitada de singularidade de cada sujeito.

A fala de Ana Cecília esteve mais ancorada em um discurso subjetivante. Aproximando-se do conceito de maternagem proposto por Winnicott (1982), em que a intuição seria um dos melhores métodos de criação e educação. O autor ponderava que o vínculo genuíno era capaz de subjetivar, de transformar o organismo em ser humano, deveria ter como base o amor e a disponibilidade, desconsiderando o processo educativo que buscasse ensinar a maternar. Mariotto (2009) complementa afirmando que toda essa disposição é algo aprendido no próprio processo individual de humanização e não nos livros.

O conhecimento, para Winnicott (2006), emerge de um lugar do nosso psiquismo onde nem sempre existem significados prontos. Esse tipo de conhecimento é o que mais auxiliará na subjetivação dos bebês. Bernardino e Kamers (2003) parecem concordar com essa afirmação quando acrescentam dizendo que as educadoras atuam mais em favor da subjetivação quando se distanciam dos saberes acadêmicos.

A impressão inicial de que o discurso pedagógico irá se sobrepor à função maternante é superada à medida que os exemplos das práticas são trazidos dentro da próxima categoria, relação berçarista-creche. Em tal categoria, observou-se que a casualidade e os fatores econômicos impulsionaram as berçaristas para que aceitassem o emprego na creche. “[...] Na verdade, não vou dizer que foi sonho... realização profissional [...] É ao acaso, que hoje que me faz feliz, que não me vejo longe daqui. [...]” (Moisés).

Observou-se que três delas nunca haviam trabalhado em berçário, apenas Moisés tinha experiência no magistério. “[...] Desde o curso de magistério que me encantou o trabalho de creche. Eu gosto desse contato com as crianças, de ver o desenvolvimento dela, me encanto no berçário, [...]” (Moisés).

[...] Olha eu na época estava desempregada aí meu marido tinha falecido eu tava com três filhos, [...] aí comecei a me adaptar com as crianças, aí eu vi que eu gostava de fazer aquilo, que eu amo fazer isso, eu me dou muito com meu trabalho, com as minhas crianças [...] não fui formada em professora, mas eu peguei esse dom não sei como [...] (Ana Cecília)

Batista (2019) evidencia determinados fatores quanto à educação no segmento de creche, sabendo que muitas vezes é vista como mais ligada aos cuidados físicos e, por isso, geralmente as profissionais que atendem bebês e crianças menores são pouco preparadas para exercer essa função. Observa-se isso nos relatos, visto que a maioria das berçaristas foi selecionada inicialmente para cuidar dos bebês, sem qualquer formação ou experiência, o que só foi conquistado posteriormente. “[...] Eu não tinha esse sonho de fazer pedagogia [...] precisava trabalhar. Aí fui começando a gostar, por isso que resolvi fazer a faculdade [...] Esse afeto que eles têm com a gente, então, isso foi me apaixonando [...]” (Fernanda).

Um outro ponto a ser avaliado nas narrativas diz respeito às mudanças anuais que acontecem para os bebês e suas berçaristas. Goldschmied e Jackson (2006) ressaltam que é comum o agrupamento das crianças na creche por idade. Assim, à medida que o bebê cresce, ele é direcionado para uma outra série. Na creche pesquisada, o critério utilizado é a idade. Logo, a transição do berçário para o infantil I acontece em dois momentos, uma no meio do ano e outra no final do ano.

A seguir, podemos verificar como essas transições muitas vezes eram banhadas em sofrimento, insegurança e ansiedade para todos os envolvidos.

[...] passar as minhas crianças pro próximo ano pra outra educadora, eu já digo meu Deus do céu, como é que eu vou ficar [...] todo ano a gente vai passando, nunca fica na mesma sala né, [...] não podia ir lá dar comida pra Laura porque eu ia tá quebrando o desenvolvimento dela com a outra tia, e ali eu ficava me matando por dentro, [...] eu desabava no choro, porque eu pensava meu deus, será que ela conseguiu almoçar, será que ela está com a barriguinha cheia [...] (Laura)

[...] antes era de sofrimento, quando eles passavam de uma pessoa para outra, Será que vai cuidar direito? [...] ele come assim... [...] Com o passar dos anos a gente vai aprendendo, vai amadurecendo [...] o aluno que passou por nós mais como filhos, né? [...] (Moisés)

[...] Eu me sinto triste [...] “meu Deus, eu queria ficar ali, mas não posso” Eu posso fazer o quê? Se a coordenação me mudou, pronto. Mas eu me sinto muito triste quando me fazem mudanças [...] (Ana Cecília)

Diante das narrativas acima, podemos observar que a vinculação das berçaristas com os bebês se presentificou em uma relação construída durante o tempo de permanência que tiveram no berçário da creche. As falas são carregadas de afeto e de uma apropriação, uma adoção simbólica do bebê. Explicitada dentro do que Crespim (2016) compreende como sendo uma parentalidade simbólica, aquela que garante a transmissão e possibilita o desenvolvimento da criança. Mesmo que as berçaristas cuidem dos bebês por um período determinado, limitado por regras institucionais, bem como tendo objetivos pedagógicos, o que se percebeu foi que ocorreu um transbordamento afetivo com as crianças sem que pudessem controlar.

Gabeira e Abu-Jamra (2013) compreendem que “na relação profissional, o cuidado é o eixo principal e o sentimento é decorrente desse cuidado, enquanto na relação materna, o sentimento é o eixo principal que motiva o cuidado com o bebê” (p. 146). Ou seja, embora cuidem e sejam primordiais para constituição psíquica dos bebês, mãe e berçaristas têm funções que até se sobrepõem, mas são essencialmente diferentes.

Tais relatos nos levam a relacionar os sentimentos vivenciados pelas mães durante a adaptação à creche com os sentimentos externados pelas berçaristas ao entregarem “suas” crianças com as quais conviveram durante um ano ou mais e realizaram investimentos do tipo pulsional e narcísico para suas colegas de trabalho.

Um misto de sentimentos invade as berçaristas durante esse momento de transição de uma sala para outra. A alegria do trabalho cumprido e o “luto” pela perda da criança tão investida são explicitados na fala de Fernanda: “[...] Tem a preocupação de como vai ser, como vão se adaptar [...] É uma saudade, uma preocupação, mas, ao mesmo tempo, é uma alegria, [...] saber que eles estão descendo, andando, falando [...]”.

As berçaristas trouxeram sua preocupação em relação ao modo como a criança reagirá sem sua presença, sem os seus cuidados, sem o seu olhar. Buscam ensinar suas colegas de trabalho que irão ficar com as “suas” crianças, as especificidades dos cuidados criados a partir da relação de intimidade/cumplicidade construída durante todo o ano. Compreendem que faz parte do processo, do seu trabalho, porém, mesmo diante de tanto tempo nessa função, ainda assim, a passagem de uma turma para outra acaba deixando marcas.

Goldschmied e Jackson (2006), ao falarem sobre o educador de referência, levantam pontos que podem emergir dessa relação de maior proximidade das berçaristas com os bebês. Depois de um vínculo tão próximo, é pertinente olhar para a dor que ambos sentem na separação. Aconselham que a transição para o outro grupo deva ser gradual e se faz necessário contar com a participação dessa berçarista que se tornou referência para a criança durante o tempo de permanência no berçário e, também, dos pais.

Para Morati e Menezes (2014), envolver-se em uma relação de tanta proximidade com o bebê pode suscitar obstáculos e mecanismos de defesa intransponíveis. Essa relação de intimidade suscita grande intensidade de vivências primitivas. Entretanto, como se debruçar nessa relação se ela tem prazo para acabar? A cada ano, a creche pede que essa profissional entre de cabeça em um relacionamento. Faça investimentos, crie afetos e memórias com data marcada para finalizar.

Na creche estudada, a prática de designar uma berçarista para ser referência da criança não é direcionada. No entanto, observou-se que parece acontecer, seja por projeções dos adultos que cuidam, seja por escolha da própria criança.

Embora esses vínculos sejam promissores da subjetivação dos bebês, faz-se importante um acompanhamento das berçaristas. Uma escuta ativa e um olhar cuidadoso realizado com a finalidade de cuidar do cuidador e de prevenir mecanismos de defesa que impeçam a atuação da função maternante nas posteriores relações que ano a ano encontrarão. O olhar para as cuidadoras se faz essencial para que, com o tempo, o vínculo e os cuidados não se tornem mecânicos e sem vida.

Partindo desse princípio, Kupfer *et al.* (2014) compreendem que o trabalho na creche pode ser construído por meio de dois vieses: Um ligado a um ideal pedagógico que tem como foco a padronização de ações relacionadas ao cuidado e a aprendizagem, em que a berçarista exerce sua função no anonimato. E um outro, ligado à compreensão de que ela operará na educação conferindo marcas simbólicas ao bebê e, dessa maneira, o inscreverá na cultura. Todavia, educar é muito mais que ensinar o funcionamento social é, sobretudo, inscrever a criança em um lugar único a partir de sua cultura para que se constitua como sujeito.

Mesmo que seja comum o sofrimento, ano após ano, separando-se dos “seus” bebês, Godschmied e Jackson (2006) observam que nesse modelo, no qual existe uma referência consolidada, existe mais comprometimento, responsabilidade e prazer na relação construída dentro da tríade mãe-bebê-berçarista. Chamam atenção dizendo que, nesse enquadre, podem emergir certas ansiedades para as berçaristas, quando passam a acreditar que a qualidade do seu trabalho será avaliada pelo nível de independência e autonomia que a criança adquiriu sob os seus cuidados.

Pontua-se que o papel exercido pelas berçaristas é complexo, seja pela especificidade do trabalho, dos cuidados oferecidos, da fragilidade do público que atendem, das diversas cobranças parentais, sociais e institucionais, da ampla responsabilidade, seja por envolver aspectos inconscientes de cada sujeito que atendem e de si mesmas.

Elas precisam passar a ser protagonizadas dentro do cenário educacional do qual fazem parte. E, ao contrário do que se promove, elas não necessitam apenas aprender sobre as fases do desenvolvimento do bebê, mas tomar consciência de suas funções e, sobretudo, de falar e ser escutadas. Boukobza (2002) utiliza o termo “*holding do holding*” para designar a importância de cuidar e oferecer acolhimento para aqueles que cuidam. É necessário sustentar a berçarista para que ela consiga promover esse trabalho de também oferecer sustentação ao desenvolvimento do bebê.

Winnicott (2006) compartilha dessa teoria ao propor que o *holding* é tão essencial para o desenvolvimento do bebê quanto para a mãe. Pensando nas berçaristas na perspectiva de estar exercendo essa maternagem na vertente maternante, seria vital esse *holding* (segurar, acolher, cuidar, escutar e olhar), para que consigam desenvolver o seu trabalho de forma desenvolvida.

Na creche pesquisada, não existia um psicólogo efetivo para fazer esse trabalho. Vários cursos, no entanto, são ministrados por diferentes profissionais e áreas que cuidam da infância, entre eles, estão pediatras, nutricionistas, fonoaudiólogas, odontopediatras, assistentes sociais e psicólogas. Tais profissionais vêm até a creche na perspectiva de formar as berçaristas em especialistas da primeira infância, porém, o trabalho de escuta e acompanhamento com um olhar clínico mais apurado sobre as berçaristas e os bebês ainda é inexistente.

Os resultados aqui apresentados corroboram com os da pesquisa de Kupfer *et al.* (2012) e compreendem que não há um discurso uniformizado que direcione as práticas das berçaristas.

Embora o discurso subjetivante possa ser promissor para a constituição psíquica dos bebês, ainda não é nomeado ou defendido como preponderante por quem cuida. Ele acaba emergindo nos diálogos sobre suas práticas, mas sem figurar como ponto norteador. Para as autoras, parece que as berçaristas aguardam por uma autorização para que a função maternante possa se presentificar e ser o foco de seu trabalho.

Conclusão

Observamos que as berçaristas, embora não exerçam a função materna, conseguem sob certas condições estabelecer vínculos que promovem estruturação psíquica do sujeito. Os dados nos levam à compreensão de que elas trazem em suas práticas um olhar, uma escuta e um acolhimento afetuoso e presente. Com isso, possibilitam a construção de uma relação promissora e estruturante para o bebê.

A função maternante explicitada pelas berçaristas nessa creche nos move a pensar que, diante das transformações sociais vivenciadas pelas mulheres da contemporaneidade, a creche acaba por ser uma aliada das mães, quanto ao desenvolvimento integral do bebê. O discurso subjetivante esteve operante dentro da creche pesquisada e foi evidenciado pela função maternante que se mostrou preponderante na relação das berçaristas com os bebês. O espaço da creche se mostrou promissor para a constituição psíquica dos bebês e os resultados revelaram que a parceria entre a família e a creche foi um elemento importante para o desenvolvimento infantil.

Os dados apontam que um melhor nível de escolarização indicaria uma tendência, a perspectiva de um discurso pedagogizante, o que afastaria a berçarista da função maternante e do cuidar subjetivante. Faz-se importante uma investigação com uma amostragem mais ampla para respaldar melhor esse argumento.

Compreende-se que a creche, na atualidade, ao contrário de seu histórico arraigado de preconceitos, mostra-se promissora em termos de promoção de saúde mental no espaço escolar, configurando-se como um espaço complexo repleto de funções das quais podemos elencar as de cuidar, educar, subjetivar e prevenir.

Deve-se reconhecer que não podemos generalizar e afirmar que a creche favorece a constituição psíquica dos bebês. Podemos compreender que é possível e, diante disso, estimular para que o discurso subjetivante venha cada vez mais fazer parte desses ambientes. Podemos estimular para que a função maternante seja evidenciada em detrimento das funções pedagógicas tão exaltadas na atualidade.

A pesquisa não teve como objetivo escutar as mães sobre a função que as berçaristas exercem para os seus bebês e para si mesmas, o que poderia acrescentar, na compreensão dessa função maternante, estudos futuros.

Por fim, compreende-se que o olhar, a escuta e o colo também devem se presentificar na rotina das berçaristas, pois não basta fornecer o *holding*, é preciso senti-lo. Elas precisam sentir que tem o devido sustento, sendo acolhidas, protegidas e amparadas. Só assim, o cuidado poderá ser. Ao perceber que são cuidadas, poderão também cuidar. Experimentando o cuidado, tornarão elemento exaltado em suas práticas.

Referências

- Anconi, M. R. (2020). Conflitos entre pais e educadores de creches: Manejos a partir da relação com o saber sobre o educar na infância. In Matos, D. C. (Org.). *A psicologia em suas diversas áreas de atuação 2*. Atena Editora.
- Batista, C. (2019). Os bebês vão para escola: e, agora? A creche como espaço instituinte do sujeito. In Parlato-Oliveira, E. M. & Szejer M. (Orgs.). *O bebê e os desafios da cultura* (pp. 291-300). Instituto Langage.
- Bernardino, L. M. F., & Kamers, M. A. (2003). Creche e o brincar: alternativas para educação no primeiro ano de vida. *Revista Estilos da Clínica*, 8(15), 48-57. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v8i15p48-57>
- Boukobza, C. (2002). O desamparo parental perante a chegada do bebê. In Bernardino, L. M. F., & Robenkohl, C. (Orgs.). *O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas* (pp. 15-26). Casa do Psicólogo. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v37n32/v37n32a03.pdf>
- Brasil. (2018). Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf
- Bridon, D. (2020). *O bebê na creche: Possibilidades educativas a partir do desejo*. Escuta.
- Crespin, G. (2016). *A escuta das crianças na educação infantil*. Langage.
- Dancey, C., & Reidy, J. (2006). *Estatística Sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows*. Artmed.
- Figueiredo, C. L. (2007). A metapsicologia do cuidado. *Revista Psyche*, 11(1), 13-30. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200002
- Flach, F., & Sordi, R. O. (2007). A educação infantil escolar como espaço de subjetivação. *Estilos da Clínica*, 12(22), 80-99. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v12i22p80-99>
- França, R. M. P., & Rocha, Z. (2015). Por uma ética do cuidado na psicanálise da criança. *Psicologia USP*, 26(3), 414-422. Doi: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140045>
- Freud, S. (1914). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Companhia das Letras.
- Gabeira, T. R., & Abu-Jamra, Z. S. (2013). Os eixos do cuidado na primeira infância. *Revista Caderno de Psicanálise*, 35(29), 143-158. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a09.pdf>
- Goldschmied, E., & Jackson, Sonia. (2006). *Educação de 0 a 3 anos: O atendimento em creche*. Grupo A.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2013). *Resultados finais do Censo Escolar (redes estaduais e municipais de 2013)*. Brasília: DF.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2019). *Resultados finais do Censo Escolar (redes estaduais e municipais de 2019)*. Brasília: DF.
- Kupfer, M. C., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (2014). *De bebê a sujeito: a Metodologia IRDI nas creches*. FAPESP/Escuta.

- Kupfer, M. C. M., Bernardino, L. M. F., Mariotto, R. M. M., Pesaro, M. E., Lajonquière, L. de., Voltolini, R., & Machado, A. M. (2012). Metodologia IRDI: uma ação de prevenção na primeira infância. In Kupfer M. C. M., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (Orgs.). *Psicanálise e ações de prevenção na primeira infância* (pp. 15-28). Escuta.
- Kupfer, M. C. M., Cavagionni, A. P. M., & Anconi, M. R. (2012). *As posições discursivas dos educadores de creche e seus efeitos nas práticas com bebês*. [Apresentação de trabalho]. 9º Colóquio Internacional do LEPSI. <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/lepsi/n9/a46n9.pdf>
- Lajonquière, L. (2000). *Infância e ilusão (psico) pedagógica: Escritos de psicanálise e educação*. Vozes.
- Lanzetta, R. C., & Bittencourt, M. I. G. F. (2016). *Apoios comprados: Formas contemporâneas de apoio à maternagem*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27299/27299.PDF>
- Maranhão, D. G., & Sarti, C. A. (2008). Creche e família: uma parceria necessária. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 171-194. <https://www.scielo.br/j/cp/a/DNKnDj6ttKwgg7FCQWBXR4R/?lang=pt&format=pdf>
- Mariotto, R. M. M. (2009). *Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. Escuta/FAPESP.
- Minayo, M. C. (2008). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (11a ed.). Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev Pesqui Qualit*, 5(7), 01-12.
- Moratti, P., & Menezes J. (2014). Metodologia IRDI e a sustentação da relação professor-bebê: holding do holding. In Kupfer, M. C. M., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (Org.). *De bebê a Sujeito: a metodologia IRDI nas creches* (pp. 175-192). Escuta/FAPESP.
- Oliveira, Z. M. R., & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. *Revista Cadernos de Pesquisa*, 87(1), 62-70.
- Oliveira, M. A., Donelli, T. M. S., & Charczuk, S. B. (2020). Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. *Revista de Psicologia Escolar e Educacional*, 24(1), 1-10. Doi: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020213679>
- Ortiz, C., & Carvalho, M. T. V. (2012). *Interações: ser professor de bebês - cuidar, educar e brincar, uma única ação*. Blucher.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Zahar.
- Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e seu mundo*. LTC – Livros Técnicos e Científicos da Editora S. A.

Revisão gramatical: Ediliane Araújo.

E-mail: grafia.al@hotmail.com

Recebido em agosto de 2023 – Aceito em outubro de 2024.